



“Não sou sua princesa”

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira¹

Resenha de:

Mello, Evelyn. *Femi verso Multi*. Breves crônicas de breves possíveis mulheres contemporâneas. São Paulo: Todas as musas, 2016. 57p.

"Não sou sua princesa. Não sou tuas negas (...)
Semeio sozinha e colho meus tormentos"

Com esta recusa radical, Evelyn Mello conjuga o feminismo em um texto implacável, onde afirma a qualidade poética em alta e sonora liberdade de consciência. Em contraponto, é impossível não pensar nos malefícios dos contos de fada para a educação feminina. E é inevitável lembrar a intensidade denunciadora da Macabéa clariceana e do derradeiro ato de Ana Cristina Cesar, esta referida na reunião de inusitadas "Breves crônicas de breves possíveis mulheres contemporâneas", que é o sub-título deste *Femi verso Multi*, publicado em 2016.

Uma raiva possessa ou por vezes uma ingenuidade infantil atravessa a mente de mulheres contemporâneas cujo espelho tem sido uma imagem de feminino que, só por ser forjada, é nociva e responde por muitos descaminhos e sofrimentos em nome de uma soberania de gênero, velada, mas atuante na sociedade falocrática em que vivemos.

Lá estão as várias “crônicas” que em linguagem direta, sem rodeios, expõem a verdade nua e crua, como dizia Luz del Fuego, deste torpor imposto subliminarmente ao indivíduo de sexo feminino há séculos. Se nossas tias-velhas soubessem que agora estamos solidárias aos tormentos das mulheres ali narradas, certamente seríamos advertidas e mesmo punidas com a retirada de seus mimos e afetos. Pois se somos seres desejosos de amor, como de resto todos os seres, a enorme injustiça que nos esmaga é o alto preço a pagar, cedendo a nossa autonomia para merecer as migalhas afetivas concedidas pelo falocentrismo vigente. Nossas tias, também sucateadas em seus destinos, sofreram a violência de uma dominação abjecta e ardilosa que chama as



¹ Profa. Associada da Universidade Federal Fluminense

qualidades femininas de "femininas" com o fim suspeito de diminuí-las frente ao gênero dominante.

Evelyn solta as vozes destas mulheres, ricas ou pobres, que caem como frutas podres no conto do vigário da dicotomia de gênero. As crônicas são de diferentes tons, como a conformação feminina que se nutre da assepsia do reino doméstico, território restrito concedido pelo macho - a casa impecável e limpa -, que lemos na crônica "Corredores". Em "Paradas", o tom é de consolação patética de um piano na memória e umas pérolas verdadeiras no pescoço onde se ampara uma desiludida mulher de meia idade. Em outra crônica encena-se a ressentida luz sob a qual posa com *photoshop* a iludida jovem nos "Palcos modernos" do *facebook*. Diante da falsa fulgurância de *bijoux*, a mulher enrugada percebe, com lucidez e amargura, a sua exclusão nas "Vitrines" do mundo onde só há lugar até os 20 anos.

A decepção de um destino costurado por mãos alheias esbate o sonho da Cinderela que em "Doces lares" descobre a traição, a solidão e, em conexão com a crônica seguinte, "Noticiário páginas policiais: Manchete de capa:", talvez se configure num desnecessário crime tecido pela conjuntura opressiva de gênero.

Em "Multiverso", em vez da desistência, a narradora sobe no salto 15 e de lá atira livros e roupas, em busca de um arremesso para cima, porque só lhe resta "ser inteira". Na crônica seguinte, "De gaiolas abertas", a narradora (outra? a mesma?) bate o martelo da epígrafe que escolhemos e que entretece toda a obra: "Não sou tua princesa. Não sou tuas negas. Não me pintes com tuas cores". Ao longo do livro - poesia? prosa? - há intervalos para pensar, para respirar, para conhecer "a olhos nus" e jamais ver-se na imagem "daquelas mulheres de Atenas" que com açúcar e afeto faziam aos homens o seu "doce predileto".

Em suma, *Femi verso Multi* é um mergulho corajoso para cima, um voo de Ícaro que cai, mas sobe, ao contrário da "lagarta malemolente" que "agonicamente remolejava ao atravessar a rua, "sem saber/ se chegará / ao/ outro/ lado/ de lá".

Na abertura do livro, estampa-se um aviso ou advertência do que lhe vai por dentro: olhares que por meio de histórias expõem uma vida em favor da vida e da imaginação. A autora também publicou um ensaio crítico sobre o assunto - "Olhares femininos sobre o Brasil: um estudo de *As meninas* de Lygia Fagundes Telles" - e acaba de concluir seu doutorado, o que certamente nos renderá um novo olhar sobre nós, as mulheres contemporâneas.